

## A IDENTIDADE NEGRA NA OBRA *THE BLUEST EYE*: DUALIDADE ENTRE PECOLA E CLAUDIA

*Gisela Reis de Gois (mestranda em Letras/ UFS)*

*Waleska da Graça Santos (especialista/UES)*

**Resumo:** Situada na literatura norte-americana em meados do século XX, a obra *The Bluest Eye*, de Toni Morrison, mostra através do olhar infantil a posição do negro e de que forma a ausência de representação interferiu na formação da identidade negra americana. Tendo como foco o olhar do sujeito estereotipado presente em toda a obra, este artigo tem como propósito analisar a construção da identidade deste sujeito, através dos dois vieses do preconceito abordado na obra, o intrínseco e o extrínseco, estes representados nas vozes de Pecola e Claudia, personagens centrais da obra em análise. Para tanto, a metodologia adotada para a elaboração deste artigo é a leitura e seleção de fragmentos da obra que corroborem com a posição de subordinado do negro e quais artifícios a autora fez uso para questionar a dualidade “colonizador versus colonizado” na obra. Então, far-se-á um estudo comparado da obra supracitada com os estudos dos teóricos Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2003) e Frantz Fanon (2008).

**Palavras-chave:** Identidade Negra. *The Bluest Eye*. Representação.

### INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 60 e 70 do século XX, houve uma extensa produção literária de mulheres afro-americanas nos Estados Unidos, por causa do movimento negro e do movimento feminino. Uma das autoras representantes dessa época é Toni Morrison. O primeiro romance dela, *The bluest eye*, trata das relações entre negros e brancos e entre os próprios negros através do olhar infantil, revelando mais do que a dualidade colonizador versus colonizado. Na obra pode-se perceber a identidade feminina negra e a visão que se tinha da criança. De acordo com Gates e McKay (1997), a autora decidiu retratar a história do romance em Lorain, Ohio, sua terra natal, para fugir dos estereótipos tratados em obras afro-americanas anteriores: o sul, agrícola e os guetos, no norte.

Assim como a literatura, a crítica buscou reler a colonização e os efeitos desse processo, e então produzir uma reescrita diaspórica e não essencializante, ou seja, procurou não naturalizar e des-historicizar as diferenças. Segundo Stuart Hall (2003), a diáspora

Realização



Apoio



baseia-se na concepção de diferença binária, entre a exclusão e o pertencimento. No caso dos Estados Unidos, as múltiplas etnicidades presentes na nação produziram hierarquias étnicas que em consequência definiram as políticas culturais. Entretanto, a cultura popular americana ficou silenciada, deslocada e sem reconhecimento, e no berço dela estão as tradições vernáculas da cultura popular negra americana.

Outro não reconhecimento acontece com o negro ao negar a sua identidade. Fanon afirma que o negro quer estar na posição do branco; em outras palavras, deseja ser entendido e tratado como um ser humano. Mas não apenas na relação com o branco, há ainda um complicado envolvimento do negro com sua própria comunidade, no que se refere a manter-se associado aos aspectos culturais do seu meio ou negar esse contato e simular uma vida como a do branco. Um dos meios em que essa relação conflituosa acontece é na linguagem: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe. Possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (2008, p. 33). Ou seja, a linguagem empregada definirá a que ambiente o indivíduo pertence ou até mesmo como ele deseja ser identificado. Desse modo, quanto mais os valores culturais do colonizador forem assimilados, mais o colonizado se afastará da sua originalidade cultural e se aproximará do colonizador.

Bhabha discute as relações existentes entre colonizador e colonizado, embasado no conceito do discurso colonial, apresentando como ao longo da história o quão silenciada e estereotipada foi a voz do colonizado. “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista.” (1998, p. 111)

## ANÁLISE DA OBRA

A obra *The bluest eye*<sup>1</sup>, escrita por Toni Morrison (1994), retrata a “marginalização” dos negros pela ótica do colonizado, que no caso específico dessa obra é uma criança negra. A adoção do termo marginalização não está relacionada aos vandalismos e, sim à posição coadjuvante que foi destinada aos negros ao longo da

1 Todas as traduções do original, presentes neste artigo, foram feitas pelas autoras.

Realização



Apoio



história. sempre vistos como “objetos”, mesmo anos após a abolição da escravatura, aspecto este que contribuiu para a criação de um estereótipo escravista, que não permitia aos negros serem enxergados ou até se enxergarem como seres humanos. Ao adotar a perspectiva do colonizado a autora rompe com o silenciamento que foi imposto aos negros ao longo dos anos ao mesmo tempo em que nos possibilita compreender o preconceito por dois vieses: o intrínseco e o extrínseco.

Ao longo da obra sentimentos como menosprezo e ausência de reconhecimento humano aparecem, o caso mais específico apresentado nesta obra é a posição das crianças negras, em que a ausência era total: “Frieda e eu não fomos apresentadas – fomos meramente apontadas, como, aqui é o banheiro; o armário de roupas é aqui; estas são as minhas filhas, Frieda e Claudia.” (MORRISON, 1994, p. 15)<sup>2</sup>. Este sentimento de inferioridade está tão enraizado na identidade da criança que a protagonista e narradora descreve com espanto o fato do senhor, Mr. Henry, cumprimentá-las após tamanho descaso com o qual foram apresentadas: “para nossa surpresa ele falou conosco” (MORRISON, 1994, p. 15)<sup>3</sup>. Segundo Homi Bhabha, o sentimento de inferioridade e o apagamento da identidade ocorrem, pois “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado.” (1998, p. 73). Além disso, o espanto das crianças se deu não só pela questão racial, mas pelo fato dos adultos, de maneira geral, ignorarem as crianças: “Adultos não falam com a gente – eles nos dão orientações. Eles emitem ordens sem dar informações [...] Nós não podemos responder” (MORRISON, 1994, p. 10)<sup>4</sup>.

Outro fragmento demonstra a insignificância das crianças perante os adultos: independentemente da cor da pele, ser criança era ser inferior: “Aquele noite, na cama, nós três ficamos quietas. Nós estávamos cheias de temor e respeito por Pecola. Deitar próximo

---

2 <sup>□</sup> “Frieda and I were not introduced to him—merely pointed out. Like, here is the bathroom; the clothes closet is here; and these are my kids, Frieda and Claudia.”

3 To our surprise, he spoke to us.”

4 <sup>□</sup> “Adults do not talk to us – they give us directions. They issue orders without providing information [...]. We cannot answer them.”

a uma pessoa de verdade que estava realmente menstruando era de alguma forma sagrado.” (MORRISON, 1994, p. 3)<sup>5</sup>.

A total abstinência de afeto alimenta o sentimento de ódio que a personagem Claudia nutria silenciosamente e culminou no episódio da boneca branca de olhos azuis, desejada por várias crianças, exceto por Claudia, que afirma preferir ser e sentir-se notada ao invés de receber uma boneca que não apresenta qualquer semelhança com sua realidade: “O que eu devo fazer com isso? Fingir que sou sua mãe? Eu não tenho interesse em bebês e nem no conceito de maternidade.” (MORRISON, 1994, p. 20)<sup>6</sup>. Ideia que é reforçada mais adiante com a seguinte fala: “eu preferiria sentir algo no dia do Natal, que alguém me perguntasse ‘Querida Claudia o que gostaria de experimentar no Natal?’ e eu teria dito.” (MORRISON, 1994, p. 22)<sup>7</sup>.

A cena supracitada também pode ser interpretada como crítica a posição feminina, pois os personagens centrais da obra são do sexo feminino. Ganhar/cuidar de uma boneca simbolicamente seria uma forma de “treinar” as meninas desde cedo para a maternidade. Bhabha assevera que “o feminismo especifica a natureza patriarcal, baseada na divisão dos gêneros, da sociedade civil e perturba a simetria” (1998, p. 31). A perturbação dessa simetria é retratada na forma repulsiva como as pessoas reagiram diante da posição de Claudia ao destruir a boneca.

Não se enxergar no presente recebido é um dos motivos pelos quais a personagem destrói a boneca que simbolicamente representa a “destruição/morte” de uma menina branca de olhos azuis. E essa reação a faz pensar: “O que faz com que as pessoas olhem para elas e digam ‘Owmm’, mas não para mim?” (MORRISON, 1994, p. 22)<sup>8</sup>. Outro ponto que pode ser analisado através deste ato é o próprio lugar na identificação, imaginar uma realidade diversa e nas palavras de Bhabha, “A fantasia do nativo é precisamente ocupar o

5 <sup>□</sup> “That night, in bed, the three of us lay still. We were full of awe and respect for Pecola. Lying next to a real person who was really ministratin’ was somehow sacred.”

6 “What I was supposed to do with it? Pretend I was its mother? I have no interest in babies or the concept of motherhood.”

7 “I would rather to feel something on Christmas Day. The real question would have been, “Dear Claudia, what experience would you like on Christmas? I could have spoke up.”

8 “What made people look at them and say “Awwwww”, but not to me?”

lugar do senhor branco enquanto mantém seu lugar no rancor vingativo do escravo.” (1998, p.76). Ou seja, o desejo de Claudia era ser tão bem tratada quanto uma criança branca, mas permanecendo do jeito que era.

A própria personagem, apesar da pouca idade, chega admitir que ela ainda não havia se contaminado pelo sentimento de desejo pelo mundo do colonizador como a sua irmã e Pecola: “Mais jovem que ambas Frieda e Pecola, eu não tinha chegado ainda ao ponto de desenvolvimento da minha psique que me permitiria amá-la. O que eu senti naquela época foi ódio imaculado. Mas antes eu tinha sentido uma coisa mais estranha e assustadora do que ódio por todas as Shirley Temples do mundo.” (MORRISON, 1994, p. 19)<sup>9</sup>. Além da não identificação que Claudia sentia com as bonecas brancas de olhos azuis e a maternidade invocada através do ato de dar uma boneca, o fato de não a questionarem o que ela realmente desejava aumentava a raiva que ela já nutria: “Eu estava fisicamente revoltada [...]. Eu tinha apenas um desejo: desmembrá-la [...]. Mas eu sabia que ninguém nunca me perguntou o que eu queria no Natal” (MORRISON, 1994, p. 20-21)<sup>10</sup>. Aos poucos esse mesmo sentimento de repulsa com as bonecas passou a ter as meninas brancas como alvo.

Em contrapartida a obra traz a personagem Pecola, que apresenta um comportamento completamente passivo e que se enxerga inferior: “Todas as noites, sem falha, ela rezava por olhos azuis. Fervorosamente, por um ano ela tinha rezado. Embora de alguma forma desencorajada, ela não perdia a esperança.” (MORRISON, 1994, p. 46)<sup>11</sup>. O desejo de Pecola de ser branca se projeta na figura de Mary Jane, que é branca e bela, tão amável que até dava nome a um doce: “Comer o doce é de alguma forma comer os olhos, comer Mary Jane. Amar Mary Jane. Ser Mary Jane. Três centavos que trouxeram a ela

---

9 <sup>□</sup> “Younger than both Frieda and Pecola, I had not yet arrived at the turning point in the development of my psyche which would allow me to love her. What I felt at that time was unsullied hatred. But before that I had felt a stranger, more frightening thing than hatred for all the Shirley Temples of the world.”

10 <sup>□</sup> “I was physically revolted [...] I had only one desire: To dismember it. [...] But I did know that nobody ever asked me what I wanted for Christmas.”

11 “Each night, without fail, she prayed for blue eyes. Fervently, for a year she had prayed. Although somewhat discouraged, she was not without hope.”

nove adoráveis orgasmos com Mary. Amável Mary Jane, cujo um doce recebe seu nome” (MORRISON, 1994, p. 50)<sup>12</sup>.

A passividade da personagem não está apenas na falta de identificação com sua cor, mas também na ausência de vontade própria diante do outro. A criação de Pecola não proporcionou a formação de sua personalidade: “‘O que você quer fazer Pecola?’ ‘Eu não me importo’, ela disse, ‘Qualquer coisa que você queira’.” (MORRISON, 1994, p. 26)<sup>13</sup>. A inexistência de representação do negro fez com que Pecola, acreditasse que poderia se tornar uma menina de olhos azuis, além disso, ela acreditava que isso bastaria para que ela fosse bem tratada.

Na obra pode-se observar dois vieses do preconceito: o intrínseco e o extrínseco e estes são representados respectivamente nas vozes da personagem Pecola e Claudia. Entenda-se por intrínseco a passividade e aceitação da primeira diante do preconceito sofrido por conta de sua cor e a vergonha que a mesma sentia por ser negra, em contrapartida, Claudia apesar de reconhecer a existência da discriminação dos outros com relação a sua cor de pele, não se enxergava pela visão racista de terceiros: “Nós nos sentíamos confortáveis em nossas peles, nos divertíamos com as novidades que nossos sentidos nos lançavam, admirávamos nossa sujeira, cultivávamos nossas cicatrizes e não podíamos compreender essa indignidade.” (MORRISON, 1994 p. 74)<sup>14</sup>. Pecola e Claudia têm atitudes contrárias enquanto uma deseja o lugar do colonizador, a outra deseja ser tratada bem, mas sem abandonar os aspectos de sua cultura: “A dor dela me antagonizava. Eu queria abri-lá, retirar as arestas, por uma vara curvada e curvando a espinha, forçá-la a

---

12 “To eat the candy is somehow to eat the eyes, eat Mary Jane. Love Mary Jane. Be Mary Jane. Three pennies had bought her nine lovely orgasms with Mary Jane. Lovely Mary Jane, for whom a candy is named.”

13 <sup>□</sup> “What you want to do Pecola? I don’t care, she said, Anything you want.”

14 <sup>□</sup> “We felt comfortable in our skins, enjoyed the news that our senses released to us, admired our dirt, cultivated our scars, and could not comprehend this unworthiness.”



ficar ereta e cuspir a miséria nas ruas. Mas ela segurou onde poderia sobrepor-se em seus olhos.” (MORRISON, 1994, p. 73-74)<sup>15</sup>.

A maioria dos personagens negros na obra se encontra na posição de negar sua ancestralidade e desejar a vida do branco, como por exemplo, na cena do gato, em que a mãe do garoto, apesar de serem negros, explica que ele não pode brincar com um: Crianças brancas, a mãe dele não gostava que ele brincasse com negros. Ela havia explicado a ele a diferença entre pessoas de cor e negros. [...] Pessoas de cor eram limpos e calmos; negros eram sujos e barulhentos. Ele pertencia ao primeiro grupo: ele vestia camisas brancas e calças azuis; o cabelo dele era cortado o mais próximo possível do couro cabeludo para evitar qualquer semelhança com lã (MORRISON, 1994, p. 87)<sup>16</sup>.

Há ainda a diferença entre ser uma criança branca ou negra, tanto no que se refere ao quesito financeiro e atitude perante outras crianças. A vizinha de Claudia e Frieda, por exemplo, era filha de um comerciante que tinha carro. Ela fazia questão de salientar o que ela e a família possuíam. A mesma atitude pode ser vista na colega de escola de Claudia, Frieda e Pecola, que associou a sua aparência branca com beleza e as chamou de feias: “Segura do outro lado, ela gritou para nós, ‘eu sou linda! E vocês feias! Negras e eu sou linda” (MORRISON, 1994, p. 73)<sup>17</sup>. Todas essas crianças brancas têm em comum, além da sensação de superioridade com relação a um negro, é o medo:

“O cabelo dela era amarelo como milho. [...] Quando ela nos viu, medo passou em sua face por um segundo. [...] ‘Onde está Polly?’, ela perguntou. A violência familiar cresceu em mim. Chamando Senhora Breedlove de Polly, quando até Pecola chamava a mãe de Senhora

15 <sup>□</sup> “Her pain antagonized me. I wanted to open her up, crisp her edges, ran a stick down that hunched and curving spine, force her to stand erect and spit the misery out on the streets. But she held it in where it could lap up into her eyes.”

16 <sup>□</sup> “White kids; his mother did not like him to play with niggers. She had explained to him the difference between colored people and niggers [...] Colored people were neat and quiet; niggers were dirty and loud. He belonged to the former group: he wore white shirts and blue trousers; his hair was cut as close to his scalp as possible to avoid any suggestion of wool [...]”

17 <sup>□</sup> “Safe on the other side, she screamed at us, “I am cute! And you ugly! Black e mos I am cute!”

Breedlove, parecia razão suficiente para arranhá-la. (MORRISON, 1994, p. 108)<sup>18</sup>”

Apesar de todo o conforto que ser um branco poderia proporcionar, estar perto de um negro era perigoso. Mesmo que não houvesse sinal de violência, bastava apenas ter a pele escura para indicar problemas. Inclusive a palavra de uma criança branca é mais ouvida e atendida por um adulto do que a palavra de uma criança negra. A vizinha branca de Cláudia e Frieda grita para a mãe delas dizendo que as meninas estão aprontando e isso é suficiente para que a mãe já chegue batendo nas duas, sem ao menos perguntar o que estava acontecendo.

A violência presente na obra pode ser estudada pelo aspecto físico e psicológico sofrido pelas personagens. A forma rude como Pecola era tratada nas diferentes esferas da sociedade não a permitia se enxergar como alguém e, a cegueira provocada pelo racismo ao seu redor reforçava o apagamento de sua identidade. Alguns excertos ao longo da obra corroboram com o sentimento de inferioridade enraizado na personagem citada: “Ela tem visto à espreita nos olhos de todas as pessoas brancas. Assim. A aversão deve ser para ela, sua negritude.” (MORRISON, 1994, p. 49)<sup>19</sup>. A repulsa das pessoas resultou na obsessão de Pecola em descobrir o porquê da sua feiura: “Por longas horas que ela sentou-se olhando para o espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fez ignorada ou desprezada na escola, pelos professores e colegas de classe da mesma forma. Ela era o único membro de sua classe que estava sentado sozinho em uma mesa para dois.” (MORRISON, 1994, p. 45)<sup>20</sup>. A associação da cor negra com a feiura não estava muito clara para Pecola, ela ainda não havia entendido completamente o que era o preconceito, pois ela buscava no espelho descobrir o motivo das pessoas não tratarem bem, ao ponto de quando fossem insultar alguém, usarem o nome dela: “Quando uma das meninas na escola queria ser particularmente insultante para um menino, ou queria obter uma resposta

18 <sup>□</sup> “Her hair was corn yellow [...] When she saw us, fear danced across her face for a second [...] ‘Where is Polly?’ She asked. The familiar violence rose in me. Her calling Mrs. Breedlove Polly, when even Pecola called her mother Mrs. Breedlove, seemed reason enough to scratch her.”

19 <sup>□</sup> “She has seen it lurking in the eyes of all white people. So. The distaste must be for her, her blackness.”

20 <sup>□</sup> “Long hours she sat looking in the mirror, trying to discover the secret of the ugliness, the ugliness that made her ignored or despised at school, by teachers and classmates alike. She was the only member of her class who sat alone at a double desk.”



imediate dele, ela poderia dizer ‘Bobby ama Pecola Breedlove! Bobby ama Pecola Breedlove!’” (MORRISON, 1994, p. 46)<sup>21</sup>.

A violência também aparece no modo como a família de Pecola se reconhece. A autora retrata a pobreza deles e afirma que eles “vestiram” a feiura, ou seja, aceitaram a condição de negro como inferior ao branco: “Embora a pobreza deles fosse tradicional e embrutecedora, não era única. Mas a feiura deles era única [...] Senhora Breedlove, Sammy Breedlove, e Pecola Breedlove – vestiram a feiura deles, colocaram, [...] embora não pertencesse a eles.” (MORRISON, 1994, p. 38)<sup>22</sup>. A violência também ocorre no dia a dia da mãe da senhora Breedlove, com as brigas que mantinha com o marido, a autora chega a dizer que os dias da vida dela eram identificados, agrupados e classificados de acordo com as brigas domésticas.

A posição da mulher negra é fortemente representada pela mãe de Pecola, Senhora Breedlove. Em dois trechos é possível perceber como uma negra era vista por outras negras e como uma negra era vista por um branco: “Pauline se sentia desconfortável com as poucas mulheres negras que ela encontrou. Elas achavam graça dela, porque ela não alisava o cabelo” (MORRISON, 1994, p. 118)<sup>23</sup>. Nesse fragmento, podemos perceber que para a comunidade negra o conceito de beleza já estava associado ao branco (cabelo liso), portanto o mais próximo disso era alisar o cabelo, quando alguém com cabelos crespos não fazia isso era motivo de riso. O segundo trecho corresponde ao nascimento dos filhos de uma negra e a associação com animais:

Eles nunca disseram nada para mim. Apenas um olhou para mim. Olhou para meu rosto, quero dizer. Eu olhei de volta para ele. Ele abaixou os olhos e ficou vermelho. [...] Eu vi eles conversando com aquelas

21 <sup>□</sup> “When one of the girls at school wanted to be particularly insulting to a boy, or wanted to get an immediate response from him, she could say. ‘Bobby loves Pecola Breedlove! Bobby loves Pecola Breedlove!’”

22 <sup>□</sup> “Although their poverty was traditional and stultifying, it was not unique. But their ugliness was unique [...] Mrs. Breedlove, Sammy Breedlove, and Pecola Breedlove – wore their ugliness, put it on, [...] although it did not belong to them.”

23 <sup>□</sup> “Pauline felt uncomfortable with the few black women she met. They were amused by her because she did not straighten her hair.”

mulheres brancas: ‘Como se sente? Vai ter gêmeos?’ (MORRISON, 1994, p. 125)<sup>24</sup>

Toda essa violência velada é o que leva a mãe de Pecola a agir como as outras negras, em outras palavras, negligenciar seus filhos e cultura para se dedicar a família para qual trabalhava, porque eram brancos. A Pauline descobre o que é a “beleza” através do cinema: “Junto com a ideia de amor romântico, ela foi apresentada a outro – beleza física. Provavelmente a ideia mais destrutiva na história do pensamento humano” (MORRISON, 1994, p. 122)<sup>25</sup>.

De diferentes formas um negro perde identificação com sua ancestralidade, primeiro com a diáspora da África para a América, depois no dia a dia com o branco. Seja na maneira como é tratado por sua condição financeira, cor da pele ou até mesmo na associação da posição do branco com o ideal de vida para todos.

A narradora iniciou o livro relatando o abuso sofrido pela personagem Pecola que foi molestada pelo o próprio pai e, estava a dar a luz ao fruto desse abuso. Para isso, a autora usa o próprio cenário natural, comparando as sementes que não desabrocharam por terem sido plantadas em terreno infértil como a criança que não sobreviveu devido a forma como foi “plantada”. Afirmação essa que pode ser comprovada através do seguinte excerto: “Nós plantamos as nossas sementes em nosso pequeno terreno de terra preta, assim como o pai de Pecola depositou suas sementes no seu pedaço de terra preta” (MORRISON, 1994, p. 6)<sup>26</sup>. A natureza sentiu a não naturalidade do abuso que Pecola sofreu e não vingou as sementes, assim como, o cenário infértil pode representar a tristeza pelo momento sofrido pela personagem que a partir do abuso passou a ser ignorada pelas pessoas, principalmente pela mãe.

---

24 <sup>24</sup> “They never said nothing to me. Only one looked at me. Looked at my face, I mean. I looked right back at him. He dropped his eyes and turned red. [...] I seed them talking to them white women: ‘How you feel? Gonna have twins?’”

25 <sup>25</sup> “Along with the idea of romantic love, she was introduced to another – physical beauty. Probably the most destructive ideas in the history of human thought.”

26 <sup>26</sup> “We had dropped our seeds in our own little plot of black dirt just as Pecola’s father had dropped his seeds in his own plot of black dirt.”

Essa cena pode ser entendida como a inospitalidade da sociedade com a criança fruto do abuso. As pessoas da cidade que sabiam do ocorrido passaram a evitar Pecola, que já era ignorada por ser negra, além de não esperarem que o bebê sobrevivesse. Dentre todos os personagens, apenas Claudia e Frieda desejavam o nascimento da criança e, na tentativa de ajudar elas plantaram as sementes de cravo de defunto. Ao contrário, do que era de se esperar da estação de outono, ou seja, o renascimento das plantas através da troca de folhas e nascimento de flores, “Calmo como se manteve, não houve cravos de defunto no outono de 1941. Nós pensamos, naquela época, que era porque Pecola estava tendo o filho de seu pai que os cravos não cresceram.” (MORRISON, 1994, p. 5)<sup>27</sup>.

No fim do livro, Claudia percebe que as sementes não vingaram porque haviam sido plantadas do jeito errado, mas que a terra estava hostil as sementes. Isso foi uma estratégia da autora para representar que a sociedade, ou seja, a terra, não é amigável com certos povos, em outras palavras, o bebê negro fruto de um abuso causado pela exclusão que a sociedade proporciona a certas pessoas. “Aquele solo é mal para certas flores. Certas sementes não irão nutrir [...] e quando a terra mata por sua própria vontade, nós concordamos e dizemos que a vítima não tinha o direito de viver.” (MORRISON, 1994, p. 206)<sup>28</sup>.

## CONCLUSÃO

A escrita de Toni Morrison buscou não naturalizar as diferenças entre o negro e o branco americano. De diversas formas foi possível perceber como o negro é silenciado e, por consequência, perde identificação com sua própria cultura. Pode ser que seja através de uma boneca loira de olhos azuis como presente de Natal, ao invés de cantigas como era o desejo da Claudia; ou seja, o não reconhecimento da cultura popular negra americana.

---

27 “Quiet as it’s kept, there were no marigolds in the fall of the 1941. We thought, at the time, that it was because Pecola was having her father’s baby that the marigolds did not grow.”

28 “I did not plant the seeds too deeply, how it was the fault of the earth, the land, of our town. I even think now that the land of the entire country was hostile to marigolds that year. This soil is bad for certain flowers. Certain seeds it will not nurture [...] and when the land kills of its own volition, we acquiesce and say the victim had no right to live.”

Através do cinema apresentando a “beleza” física (branca) a Pauline Breedlove, mãe de Pecola, que após esse contato com o ideal de beleza e os risos de outras mulheres negras que não entendiam o porquê dela não alisar os cabelos, passou a também desejar a posição do branco. O modo que ela encontrou para isso foi se dedicando mais à família para a qual trabalhava do que para a própria. A família de negros que Pecola encontrou no episódio do gato fez a assimilação dos valores do colonizador ao se afastar de tudo que remetesse ao negro, inclusive o contato social.

Graças às posições antagonistas de Claudia e Pecola, a autora conseguiu demonstrar o apagamento da identidade negra, seja através da relutância de Claudia em aceitar como natural os maus tratos contra Pecola e, inclusive, o estranhamento da narradora com o preconceito intrínseco de Pecola. Essa assimilou o preconceito que os outros tinham com ela (extrínseco) e realmente acreditou que olhos azuis ou beber no copo de uma artista famosa branca a fariam ser aceita. Na verdade, ela não se identificava com a identidade negra, porque não havia nenhuma representação significativa. Pelo contrário, os brancos demonstravam uma “superioridade natural”, os negros, ou pelo menos, a maioria almejava a posição do branco e tentavam de diversas formas se aproximar desse universo. O que restou a Pecola foi aceitar essa condição com naturalidade e passividade.

Além da questão “colonizador x colonizado”, Morrison abordou a posição da mulher negra e da criança. Se há preconceito entre negros e brancos, mais ainda existe quando se trata da mulher. Seja pela comparação das grávidas negras a éguas, retirando-se o tratamento humano, inclusive do contato visual, seja pelas agressões físicas, como as sofridas por Pauline pelo marido e a exploração no trabalho pela família branca que não a pagou pelos serviços prestados. Com relação à criança, houve sim uma inferioridade dessa se comparada com o adulto, mas as crianças brancas eram tratadas com carinho, até pelas negras que não ousavam fazer o mesmo com seus próprios filhos.

Toni Morrison mostrou pelo olhar da criança negra a comunidade negra e sua relação com o outro. Foi dada a voz ao silenciado, inclusive para aqueles que não enxergavam o mal que a sociedade fazia, como Pecola, através de Claudia que percebeu a nocividade da terra com certas sementes.

Realização



Apoio



## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GATES, Henry Louis; MCKAY, Nellie Y. *The norton anthology of African American literature*. New York, Estados Unidos: W. W. Norton, c1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORRISON, Toni. *The bluest eye*. United States: Plume, 1994.

Realização



Apoio

